

## **VI Congreso Interoceánico de Estudios Latinoamericanos**

### **Mesa 11: Memoria y derechos humanos**

#### **Memórias e cinema pelo olhar da criança de periferia**

*Ana Cristina Vieira e Silva<sup>1</sup>*

*Marlene Gonçalves<sup>2</sup>*

#### Resumo

Este artigo é um recorte da pesquisa “O Cinema como mediador de aprendizagem de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social”, sob a orientação da Profa. Dra. Marlene Gonçalves e integrante do mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil. O objetivo da pesquisa é investigar a memória familiar e escolar de 30 crianças de 09 a 13 anos, relacionada aos filmes exibidos em sessões refletidas, articulando experiência, lembranças, narrativas e tecnologia, observando os impactos da vulnerabilidade social na elaboração do conhecimento. Os sujeitos são estudantes da rede pública de ensino e residem na região periférica de Várzea Grande, que ocupa a 920ª posição da lista de 5.565 municípios brasileiros segundo o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), enquanto a capital Cuiabá, localizada ao lado, ocupa a 92ª, segundo ranking no "Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013", fruto de estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e da Fundação João Pinheiro.

O cenário dos sujeitos de pesquisa está inserido no estado apontado como maior produtor de soja, de algodão em pluma e rebanho bovino, em que o agronegócio representa 50,5% do PIB, segundo o Instituto Mato-Grossense de Economia

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – acrisv@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Federal de Mato Grosso – gochatram@gmail.com



Agropecuária (Imea). Apesar do potencial econômico que perpassa pela mídia brasileira quando Mato Grosso é notícia, o ambiente de pesquisa revela as contradições persistentes neste país, em que crianças de periferia vivem situações de ausências diversas, da doméstica às políticas públicas.

Neste artigo, focalizamos alguns personagens reais, residentes do bairro Eliane Gomes, incrustado neste Brasil central, cujo cerrado evidencia mais que o retorcido das árvores do quintal, mas sobretudo, o contorno árduo de histórias de vidas cujas memórias estão se construindo nas salas de aulas, para além dos muros da escola e na adversidade do abandono dos pais pelo vício e pela criminalidade.

Desprovidas de espaços públicos para fruição cultural, os sujeitos foram convidados a percorrer novo trajeto, em que a filmografia foi o fio condutor. Nesta caminhada, se destacaram relatos dos sujeitos acerca de sua realidade, da possibilidade de romper estigmas, resignificando conhecimento, ampliando percepções acerca dos temas exibidos e das possibilidades propiciadas pela tecnologia do cinema. Para compreender o fenômeno, as análises ancoram-se nos estudos sobre memória, direitos humanos, infância e cinema, por meio da pesquisa participante e da fenomenologia.

Palavras-chave: Memória; Infância; Cinema; Vulnerabilidade; Direitos.

## **Introdução**

Apontado como celeiro do país, campeão na produção de soja, milho, algodão e de rebanho bovino, Mato Grosso, localizado na região centro-oeste, é um dos principais estados que se destacam no agronegócio brasileiro. Segundo o site oficial do governo de Mato Grosso, setores com grande potencial de crescimento na região e que têm atenção especial do estado são agroindústria, turismo, piscicultura, economia criativa e pólo joalheiro. Contudo, apesar do estado refletir números de crescimento econômico, alguns municípios não acompanharam evolução econômica e entre eles está Várzea Grande, onde a pesquisa acontece.

Segundo a dissertação de mestrado em agronegócios e desenvolvimento regional da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso,



O Desenvolvimento Urbano do Município Mato-grossense de Várzea Grande no período de 1964 a 1988, de Wallison Ulisses Silva dos Santos (2016), o município vive uma situação diferente daquela em que o estado atravessa. Nas últimas décadas, Mato Grosso está inserido no cenário nacional e internacional em forte expansão econômica, no entanto, Várzea Grande, que fora o segundo município, retraiu-se em crescimento.

Santos (2016) observou que no início do século XXI, o município perdeu o posto de segunda maior cidade do estado para Rondonópolis. “Quando a cidade teve o seu modelo econômico esgotado, notou-se a carência de infraestruturas básicas e a falta de recursos públicos, situação que apenas piorou porque a economia passou a ser cada vez menos dinâmica”. (Santos, 2016, p. 115). O período abordado no estudo acima mencionada mostrou que entre 1960 até a década de 1980 houve um período de crescimento econômico, porém sem aumento nas condições sociais. Essa diferença social permanece e os bairros periféricos são os mais afetados.

Neste contexto estão inseridos os sujeitos desta pesquisa, 30 alunos de 09 a 13 anos, de escolas públicas, residentes nos bairros Eliane Gomes e 7 de Maio, incrustados neste Brasil central, cujo cerrado evidencia mais que o retorcido das árvores do quintal, mas sobretudo, o contorno árduo de histórias de vidas cujas memórias estão se construindo nas salas de aulas, para além dos muros da escola e na adversidade do abandono dos pais pelo vício e pela criminalidade. Nesta comunicação, o foco é a história de quatro crianças do bairro Eliane Gomes, cujo contexto revela a ausência de condições essenciais para seu pleno desenvolvimento social, afetivo e intelectual. Para fins de proteção das imagens destas crianças, optamos pelo anonimato, e cada uma receberá o nome escolhido por elas: Flor, 10 anos; Rosa, 10 anos; João, 10 anos; José, 13 anos.

O bairro escolhido possui contornos de vulnerabilidade social, baseado em critérios como índice de criminalidade por tráfico de drogas, violência doméstica, ausência de espaços de lazer e culturais, famílias amparadas por programas sociais de apoio à pobreza, apontados pelo Conselho Municipal de



Defesa da Criança e do Adolescente de Várzea Grande, município com 206.081.432 mil de habitantes segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015).

Desprovidas de espaços públicos para fruição cultural, os sujeitos foram convidados a percorrer novo trajeto, em que a filmografia foi o fio condutor, e por meio dela, as memórias evocavam particularidades e se articulavam com a educação. Nesta caminhada, se destacaram relatos dos sujeitos acerca de sua realidade, da possibilidade de romper estigmas, ressignificando conhecimento, ampliando percepções acerca dos temas exibidos e das possibilidades propiciadas pela tecnologia do cinema.

### **Vulnerabilidade social**

Crianças e adolescentes, estudantes, moradores de um bairro periférico da cidade, trazem consigo repertório cultural e vínculos sociais adquiridos ao longo de suas vidas. Nesta compreensão, Maria Luiza Belloni (2010) aponta que para entender com maior sensibilidade a infância no Brasil, nas sociedades contemporâneas, é preciso pensar o espaço do homem e do cidadão no ambiente público atual, especialmente nas sociedades periféricas do capitalismo globalizado. A autora avança assinalando o conceito de vida nua, característica da exclusão, cuja dimensão, segundo Agamben, é referencial da violência soberana, “que significa uma vida exposta a uma violência sem precedentes, mas de nenhuma forma sacrificial (ligada à dimensão sagrada), ao contrário” (BELLONI, 2010, p. 26). A vida desta criança é desconsiderada, não significando nada e perdê-la ocupa um outro extremo, desprovida de qualquer sentido. Ao oposto das vidas oferecidas em sacrifício, que tinham um sentido por algo “maior”, esta vida nua a nada se refere. Uma dimensão biopolítica de uma banalização da violência que atinge em primeiro lugar crianças e adolescentes:



A exclusão é o ponto de chegada do caminho que vai da pobreza à miséria, fazendo parte da globalização econômica que aplica a toda e qualquer interação social uma mesma racionalidade instrumental, característica da produção econômica. (BELLONI, 2010, p. 27)

Nesta ideia, a autora, que há 20 anos se debruça sobre os estudos da infância, educação e comunicação, aponta que os primeiros sujeitos desses processos de exclusão são as crianças e os adolescentes, criados em famílias desestruturadas pelas condições miseráveis de sobrevivências, educados em escolas da rede pública inadequadas às suas necessidades. Nesta vertente, nuances de muitas crianças desta pesquisa, como abandono pelos pais, filhos de pais usuários de drogas, nos fizeram reconhecer a violência social em que estavam inseridos, refletindo sobre a sociedade da qual fazem parte.

Para esta análise, cabe o pressuposto de Siqueira (2011) de que as crianças e a infância precisam ser analisadas partindo dos argumentos do conhecimento da sociedade, pois é nesse espaço social que elas se constituem. Tal concepção se une ao pressuposto de Walter Benjamin (1994, p. 248) de que “as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas são parte do povo e da classe a que pertencem”. Assim, compreendemos que a infância evidencia marcas da cultura da comunidade da qual faz parte, em que a cultura e a infância são categorias sociais e históricas, o que indica apreendê-las no contexto social em que se fundamentam e não desprendê-las do modo de produção e sociabilidade capitalista que envolve formas de organização e relações sociais pautadas na inclusão-exclusão.

Belloni (2010) questiona a exclusão de grande parte de crianças e adolescentes dos benefícios sociais mais fundamentais, inclusive os garantidos pela Constituição Brasileira (1988) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Ela acrescenta que a situação da infância e adolescência no Brasil é diversa e complexa e o uso da categoria sociológica “infância” não deve escurecer a realidade sobre as crianças diversas e reais.



Não podemos esquecer que um número significativo de crianças e adolescentes pertence a grupos sociais mais favorecidos, pobres porém integrados, e tem acesso tanto a benefícios decorrentes dos avanços sociais relativos ao Estatuto da Criança e do Adolescente e aqueles oferecidos pela escola e pela família, quanto aos benefícios (e malefícios) do acesso às mídias eletrônicas. (BELLONI, 2010, p. 43).

Nesta pesquisa encontramos diversas realidades, crianças integradas e outras excluídas, que vivenciam situações de violência no bairro, apontando a inter-relação do pesquisado com a escola, família, igreja, Estado e como ele se percebe neste cenário, qual o imaginário de cada criança e sua percepção de si, do outro e do grupo. Para Thompson (1992), toda comunidade carrega dentro de si uma história, são multifacetadas “de trabalho, da vida familiar e das relações sociais à espera de alguém que a traga para fora” (THOMPSON, 1992, p. 217).

Rememorando Norbert Elias e John Scotson (2000), a partir do texto “Os Estabelecidos e os Outsiders”, assinalamos pensar o indivíduo como parte de um todo, integrante de um determinado grupo. As relações de poder latentes além dos evidentes estereótipos foram evidenciadas pelos autores, cuja pesquisa ocorreu num lugarejo na Inglaterra, em 1950, porém se mantém atual, possibilitando entender como se institui a configuração social neste bairro estudado, rotulado como espaço de pobreza e criminalidade.

Ao se debruçaram nas mudanças das regras sociais para escrever “O Processo Civilizador”, evidenciando como determinado saber pode significar território simbólico de poder, ao delinear estabelecidos e outsiders, Elias e Scotson (2000) propiciam identificar a relação de poder existente entre eles. No estudo dos autores, observa-se a naturalidade dos reforços negativos repetidos pelos outsiders, apontando que a estrutura de uma comunidade pode influenciar no desenvolvimento da personalidade dos jovens que ali cresciam.

Na experiência de levar algumas crianças à espaços culturais, ficava evidente a mudança de comportamento destas, desde a saída de seus locais de origem ao destino e observações constantes registradas: “aqui é de grátis?”, “eu gostei do cinema mas tenho vergonha de voltar”, “aqui é muito caro?”, “meu pai



não vai me trazer”, numa espécie de barreira emocional apontada por Elias. Hoje frases como estas fazem mais sentido quando se observa suas experiências: “O estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo” (ELIAS E SCOTSON, 2000, 24).

O cinema com sua linguagem lúdica ao propor filmes em que crianças que vivem à margem, assumem lideranças de suas realidades poderia transformar atitudes, comportamento, provocar reflexão?

Pierre Bourdieu (2009) discute o papel da escola como reprodução de ideologias, que internaliza códigos institucionais morais induzindo o aluno para que seja cumpridor de ordens. Ao se deparar e ter acesso a vários códigos culturais, objeto desta pesquisa, o indivíduo poderia romper com o estabelecido, oferecendo resistência ao que é imposto, remetendo aqui ao conceito de violência simbólica tratada por Bourdieu (2009), que insere de maneira hierarquizada uma ideia? “Na verdade, os indivíduos “programados”, quer dizer, dotados de um programa homogêneo de percepção, de pensamento e de ação, constituem o produto mais específico de um sistema de ensino” (BOURDIEU, 2009, 206). Afinal estas crianças são submetidas a cultura de um grupo? Ao vivenciar o cinema a partir de temáticas delineadas e refletidas criticamente poderiam produzir conhecimento com autonomia dentro e fora da escola, rompendo com a dominação cultural e de pensamento, articulando educação, conhecimento, cidadania?

## **Relatos de infância**

Neste artigo, evidenciamos as narrativas de quatro crianças do bairro Eliane Gomes, que participam aos sábados de projeto social religioso Cáritas, estudam na escola pública municipal do bairro e se envolveram na pesquisa participante com sujeitos ativos nas escolhas dos filmes e percorreram diversos espaços culturais como espectadores dos filmes e discorreram sobre suas impressões. Esta pesquisa se desenvolveu ao longo de seis meses (dezembro



de 2017 a junho de 2018) e para esta análise, nosso recorte se deu a partir dos filmes: *Aí Ó, Uma Aventura na Lagoa*, de Mauricio Venturi; *O Touro Ferdinando*, de Carlos Saldanha; e *Minha Vida de Abobrinha*, de Claude Barras.

Nossos sujeitos integram um grupo de 15 pesquisados do bairro Eliane Gomes, onde três pesquisados moram com os pais biológicos (pai e mãe) e os demais com a mãe, irmã e avó, e destes, todos possuem irmãos “por parte de mãe ou por parte de pai”. A maioria das mães não trabalha, cuida das crianças em casa e depende de ajuda de terceiros, constituindo grupos familiares entre 5 a 10 integrantes. A situação econômica é crítica, o bairro não possui ruas asfaltadas e a iluminação pública é quase inexistente. As crianças estudam na escola do bairro e no contra turno ficam pelas ruas andando de bicicleta, caminhando pelo bairro, sentados nas calçadas.

Na experiência no cinema do shopping, o filme exibido *O Touro Ferdinando* traz em seu enredo a história de Ferdinando, um touro tranquilo, que prefere sentar-se embaixo de uma árvore e relaxar ao invés de correr por aí bufando. Quando homens vão até sua fazenda para escolher o melhor animal para touradas em Madri, Ferdinando é selecionado acidentalmente. Nesta exibição, a maioria das crianças não conhecia cinema comercial e até mesmo muitas delas dividiram a mesma poltrona.

A primeira experiência “num cinema de verdade”, relataram João, 10 anos, e José, 13 anos, criados pela avó, filhos de mãe usuária de drogas, que os abandonara nos primeiros meses de vida. Aos 33 anos, a mãe dos meninos acumula uma trajetória de prostituição e uso de drogas, como crack, morando em algumas ocasiões na rua, notadamente na região central de Cuiabá chamada de Ilha da Banana, conhecida como “cracolândia cuiabana”, desativada em junho de 2017 pela Prefeitura, quando 11 das 15 edificações foram reduzidas ao chão para evitar a reunião de cerca de 200 viciados, conforme relataram os jornais da época da desapropriação. Nesta época, relatou a avó dos seus filhos, que durou cerca de um ano, não visitava as crianças. Atualmente, mora nos fundos de uma oficina com seu companheiro, também usuário, alcoólatra e pai de seus últimos três filhos, aos cuidados das avós paterna e materna. Não





estabelecera vínculo afetivo com seus filhos, corrigindo-os até mesmo quando a chamam de mãe.

No diálogo que aconteceu após a exibição, João disse ter se identificado com o touro, se percebendo calmo. Já José queria ser o touro mais valente e ganhar as brigas. Para eles, o amor entre a menina e o touro é o almejado para suas vidas, apesar de não conhecerem os pais biológicos, se declaram felizes porém advertem que poderiam ser mais se tivessem uma “família completa”, referindo-se ao pai, mãe e filhos juntos. Halbwachs (1990) aponta que quando a criança afasta de seu pais, ao experimentar o abandono, muitas vezes fica sem um guardião de suas lembranças em fases tão precoces, cujas crianças não conseguiriam reter, e mais tarde, quando “o homem se recorda desta lembrança de infância, não o nota também, não há nada de que possa admirar-se” (HALBWACHS, 1990, p. 40).

Evocando os estudos da memória, Marilena Chauí conceitua que memória é uma recordação do passado, portanto uma capacidade dos homens em guardar o tempo passado, protegendo-o de se perder. Ao ver o filme, remexer nos arquivos das memórias e narrar a experiência, a criança atualiza o seu passado.

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa experiência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro, mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo). (CHAUÍ, 2005, p. 142)

Nesta experiência, Flor, 10 anos, disse que queria ser como o touro e conhecer outros lugares além do bairro onde mora. Sua mãe mora há cinco anos na Espanha, ela ficou com os outros três irmãos aos cuidados da irmã mais velha, 27 anos, que acabara de seguir para o país, estando agora aos cuidados de outra irmã, de 20 anos. Sonha com o dia que a mãe virá buscá-la, discorre sobre como é a Espanha e quer ser atriz. Relata que a experiência com o cinema, é o dia mais esperado na sua rotina de escola, nas sextas-feiras, casa e projeto Cáritas – que acontece aos sábados. Na escola, a turma conversa brevemente



sobre o filme e destaca que gostaria se tivessem mais sessões e roda de conversas, que segundo ela, ajuda no aprendizado.

No centro cultural Sesc Arsenal, exibimos produções brasileira e suíça, em finais de semanas alternados. Começamos pelo curta “Aí ò, Uma Aventura na Lagoa”, cuja sinopse traz a história de João, um garoto que foge de casa e decide ir atrás de sua avó, conhecida como bruxa na Costa da Lagoa, onde só se chega de barco. No caminho, ele conhece Zé, um menino nativo que será seu parceiro e guia nesse desafio. Os dois iniciam uma amizade e uma aventura pela Lagoa da Conceição, reduto das lendas da Ilha de Santa Catarina. Rosa, quando ultrapassou a fronteira geográfica do bairro, assim se expressou:

Esta é a primeira vez que venho num lugar bonito assim e vou ao cinema. Estou nervosa. Quando a gente sai pra passear, ir ao parque de diversão montado no bairro vizinho, não tem dinheiro pra todo mundo brincar, daí os menores brincam. Aqui tudo é de graça? (Rosa, 10 anos)

A história lembra a nossa. O menino procurou a avó porquê a mãe vai ter um outro filho e por isso ele fugiu, ficou com medo. Quando a nossa mãe ficou grávida do Eduardo (caçula) a gente já sabia que ela não ia ficar com ele. Primeiro levou numa tia e minha avó foi buscar. Os outros dois irmãos estão com a outra avó, mas não temos contato, não parece que são nossos irmãos, não mora junto, a gente sabe que é mas não sabe mais nada. Eu tenho medo da vó faltar. (José, 13 anos)

Rosa destacou a aventura e a coragem do João em ir sozinho para uma ilha e que queria conhecer o mar, pois sua relação é com o Rio Cuiabá que passa próximo onde mora. Não sabe onde fica Santa Catarina e quis ver pelo celular o mapa do Brasil e saber sobre o local do filme. Neste diálogo, as crianças observaram as características geográficas do local do filme e queriam saber quais animais moravam numa ilha e como chegaram lá.

A animação Minha Vida de Abobrinha, de Claude Barras, é um drama suíço que conta sobre o que aconteceu após a morte repentina da mãe de Abobrinha, que torna-se amigo do policial Raimundo, que acompanha o garoto até seu lar adotivo repleto de órfãos de sua idade. A princípio, Abobrinha luta para encontrar seu lugar nesse ambiente e, com a ajuda de Raimundo e novos amigos aprende aos poucos a confiar, a encontrar o amor verdadeiro e ao final



uma nova família. Esta produção estabeleceu vínculo de reconhecimento importante com os sujeitos, tendo sido acompanhada por risos e emoção.

Logo após a exibição, os irmãos João e José quiseram falar sobre suas impressões, compartilhando que conheciam esse sentimento de ausência materna vivenciada por Abobrinha, mesmo sendo cuidados com carinho pela avó. Walter Benjamin (2002) pontua:

A criança mistura-se com as personagens de maneira muito mais íntima do que o adulto. É atingida pelo acontecimento e pelas palavras trocadas de maneira indizível, e quando a criança se levanta está inteiramente envolta pela neve que soprava da leitura (BENJAMIN, 2002, 104)

Os sujeitos desta pesquisa, ao contemplarem os filmes, se permitiram mergulhar nos enredos, identificando-se em diversas ocasiões com os personagens. Nesta animação, o final feliz fizeram as crianças aplaudirem ao final da exibição.

### **Considerações Finais**

Ao estudar educação e cinema, Adriana Fresquet (2017) perpassa pela obra do cineasta Alain Bergala, cuja referência ao cinema e à educação se dá como salvação pessoal, quando a escola lhe ampliou o olhar para a vida além do destino de aldeão e a arte cinematográfica lhe apurou os sentidos. A estudiosa traz o ponto de vista de Bergala ao mencionar que “o cinema entrou na minha vida, no coração de uma vida triste e angustiada, como algo que logo soube que seria a minha salvação”. (Bergala, 2006, como citado em Fresquet, 2017, 42). Ao ver o filme, remexer nos arquivos das memórias e narrar a experiência, a criança atualiza o seu passado. Diante destas experiências, acreditamos que elas mergulham em suas lembranças, e criam novas memórias. Consubstanciando com o cinema, trazemos Fresquet (2017):

Ser privado de assistir a filmes de qualidade durante a infância significa perder uma possibilidade que não terá como acontecer com a mesma intensidade mais tarde. É como se as impressões produzidas nos primeiros anos pelo cinema deixassem uma marca inesquecível na memória afetiva pessoal (Fresquet, 2017, 43).

No entanto, ao nos deparar com as memórias das crianças, nos embrenhamos em relatos difíceis de suas experiências familiares. Sem invadir o campo da psicologia, considerando a educação um campo multidisciplinar, percorrer pelos mais diversos espaços que compõe a construção de um ser humano nos impulsionou para um olhar plural. O cinema, para nossa pesquisa, é uma alternativa lúdica e amplamente estudada no amparo de práticas educativas, culturais e sociais.

Assim, percorremos pelas vidas destas crianças, suas memórias e nos inspiramos para aprofundar em pesquisas que reflitam o pensamento destes sujeitos que encontram no cinema uma possibilidade de percorrer outros mundos, trazendo no diálogo o resgate do contar histórias, suas próprias histórias.

## Referências

Belloni, Maria Luiza (2010). Crianças e mídias no Brasil, cenários de mudança. Campinas: Papyrus.

Benjamin, Walter (1994). Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense.

Bourdieu, Pierre (2009). A economia das trocas simbólicas. São Paulo. Perspectiva.

Elias, Norbert; Scotson, John L (2000). Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_ (2002). Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo.

Brasil (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico.

\_\_\_\_\_ (2002). Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial.

Chauí, Marilena (2005). Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática.



Fresquet, Adriana (2017). Cinema e Educação - Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Halbwachs, Maurice (1990). A memória coletiva. São Paulo: editora Revista dos Tribunais.

Santos, Wallison Ulisses Silva dos (2016). Dissertação de mestrado O Desenvolvimento Urbano do Município Mato-grossense de Várzea Grande no período de 1964 a 1988. Disponível em

Siqueira, Romilson Martins (2011). Do silêncio ao protagonismo: por uma leitura crítica das concepções de infância e criança. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO.

Thompson, Paul (1992). A voz do passado: história oral; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra.